

FOLHA DE S. PAULO

ACONTECE NO FIM-DE-SEMANA

ARTES PLÁSTICAS/CRÍTICA ★ ARTES PLÁSTICAS/CRÍTICA

Divulgação



Escultura de Sérgio Camargo na Galeria Raquel Babenco: a procura da simplicidade

A arte em preto e branco

MÁRION STRECKER GOMES

Crítica da Folha

SÉRGIO CAMARGO - Esculturas. Gabinete de Arte Raquel Arnaud Babenco. Até 6 de abril.

"Suspeito que as esculturas sejam entidades estranhas, cuja pertinência só a elas pertence", escreve o artista plástico Sérgio Camargo na abertura do catálogo da exposição que apresenta no Gabinete de Arte Raquel Arnaud Babenco, durante a qual está sendo exibido um vídeo do fotógrafo e cineasta Murilo Salles sobre o artista. Se a princípio a afirmação parece tergiversar sobre a conceituação da arte, é justamente ao concreto da obra que ela aponta. A série de esculturas que Camargo traz a público mostra, antes de mais nada, a matéria-prima tornada valor.

Fazendo uso de pedra negra belga e mármore branco de Carrara, o artista objetiva, acima de tudo, a simplicidade. Para isso, trabalha no que chama de "processo de decantação" de cada peça. Escolhida a pedra, Camargo concebe um forma básica, geométrica — na maioria das vezes um cubo ou um cilindro. O dado

geométrico é então cindido. De um cubo, obtém um cubo menor, por exemplo. A forma partida é então rearticulada e pode, neste caso, escorregar para uma nova posição em contato com a forma mestra, para aí ser fixada.

Por trás da singeleza do procedimento, existe uma objetividade pouco óbvia. Não há aqui nenhuma preocupação com a perfeição da geometria. Pelo contrário: essa estranheza que Camargo evocou em sua auto-apresentação é reafirmada justamente quando os ângulos da geometria não são retos. Isto é, quando os encaixes obtidos no processo de feitura de cada peça trazem novidade em sua forma final.

A pedra e a forma

Em parte pela montagem da exposição, mas também pelas dimensões e pelo insólito das formas obtidas, Camargo parece construir, em especial nas articulações cilíndricas, verdadeiros totems de pedra. A pedra, estática, se coaduna com a forma, mutante. É esta a abrangência da ancestralidade desses objetos: a formalidade que trava diálogo direto

com a natureza do material em que foi concebida.

Camargo se limita ao uso da pedra branca e preta, e atualmente não mistura essas "cores". Esta redução do número de significantes dos trabalhos só faz aumentar sua objetividade — o significado de sua obra. É claro que os jogos de sombra e luz que envolvem os objetos fazem do mínimo a infinidade de tonalidades observáveis. Mas isto não está na pedra, e sim no olho de quem vê.

Se a cada ângulo do qual se observa uma peça é possível descobrir também uma infinidade de novas formas, as bases e a concepção de cada escultura não se perdem nesse processo. O segredo dessas esculturas está em sua honestidade. Mesmo nas construções mais complexas, onde a relação se estabelece entre duas ou mais formas primevas, a atitude é clara e a lógica de construção das peças facilmente inteligível. Em branco e preto, a arte é totalmente disponível a seu espectador. Sua grandeza está em apresentar de uma maneira nova uma matéria-prima conhecida. E o resto é ciência.